

Lixo 25

TÉCNICAS DE ESTUDO

TÉCNICAS CENTRADAS NO PROFESSOR

ROSALY MARA CENADESCHI GARITA *

A - AULA EXPOSITIVA

DEFINIÇÃO E OBJETIVOS

Segundo RONCA e ESCOBAR (1979) *"a aula expositiva consiste numa preleção verbal utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir determinadas informações a seus alunos"* (p.86). O conteúdo a ser aprendido é apresentado ao educando na sua forma final e a tarefa de aprendizagem não envolve nenhuma descoberta independente por parte do aluno. O que se exige dele é que internalize o material que lhe é apresentado, conhecendo-o e compreendendo-o, tornando-o assim disponível para um futuro uso. Uma outra característica da aula expositiva segundo BALZAN (1977) in RONCA e ESCOBAR (1979) é que *"a participação do professor é sempre dominante, embora possa variar bastante em nível e intensidade - vai desde a exposição dogmática, que se apoia no princípio de que aquilo que o professor diz é verdade, cabendo ao aluno absorvê-la sem qualquer questionamento à exposição dialogada, em que o aluno é convidado a participar, comentando, exemplificando e completando as colocações feitas pelo professor"* (p.54).

* Lixo elaborado na visão de diferentes autores. (sem rigor científico)
2000

Entendendo-se a aula expositiva como uma combinação verbal estruturada, utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir determinados conteúdos aos alunos e como considera LIBÂNEO (1992) que ela ocorre em circunstâncias em que não é possível prover a relação direta do aluno com o material de estudo, cabe-nos entender que sua função principal é explicar de modo sistematizado quando o assunto é desconhecido ou quando o aluno apresenta as idéias imprecisas ou insuficientes. Ou ainda, quando a palavra do professor serve como força estimuladora capaz de despertar nos alunos uma disposição motivadora para o assunto em questão.

A explicação oral da matéria deve levar em conta alguns aspectos, no que se refere ao papel do professor: é necessário que ele tenha o domínio do conteúdo; que ele observe as etapas de sua aplicação - introdução, desenvolvimento e conclusão e finalmente que ilustre a aula com outros recursos didáticos que estimulem a atenção do aluno.

Como afirma LIBÂNEO (1992) a aula expositiva é um procedimento didático valioso para a assimilação de conhecimentos se: o conteúdo da aula for significativo para canalizar o interesse do aluno, se vincula-se com conhecimentos e experiências que os alunos trazem e se os alunos assumem uma atitude receptivo-ativa. Diante de tais considerações a aula expositiva deixa de ser simplesmente um repasse de informações.

O uso de tal técnica será eficiente à medida que atende os objetivos a que se propõe. Para CARVALHO (1974), esses objetivos são: introduzir um novo assunto; permitir uma visão global e sintética de um assunto; apresentar e esclarecer conceitos básicos e concluir estudos. Para MATOS(1976) o objetivo é conseguir que os alunos adquiram uma compreensão inicial indispensável para a aprendizagem de um novo assunto. Para NÉRICI (1981) o objetivo é economizar tempo quando há urgência em se apresentar um assunto, bem como possibilitar a transmissão de informações e experiências que ainda não tenham sido publicadas. Para RAMOS e ROCHA (1981) o objetivo é retomar aspectos importantes do conteúdo, seja na conclusão de uma unidade ou no fechamento de assuntos estudados em grupo (LOPES in VEIGA, 1991).

B - DEMONSTRAÇÃO

Etimologicamente a palavra demonstração vem do latim *demonstratione* que no dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda significa “ato de demonstrar”, tudo que serve para provar qualquer coisa. Lição prática e experimental (VEIGA, 1991:137).

A demonstração como técnica de ensino teve sua origem ligada a Didática Tradicional, principalmente por ser considerada como uma modalidade de exposição “mais lógica e coerente, ou mesmo concreta, em que se procura confirmar uma afirmativa ou um resultado anteriormente enunciado”. (NÉRICI, s/d p.368 in VEIGA, 1991: 132).

Assim, a demonstração, em sua forma mais tradicional é uma técnica usada para comprovar afirmações, provar por meio do raciocínio, demonstrar um conceito, um teorema.

Essa definição nos leva a pensar que a demonstração não pode ser considerada com um instrumento neutro, isolado, uma vez que, ela implica atividade e iniciativa do professor e do aluno e pressupõe um posicionamento diante da realidade que se pretende conhecer e alterar. Daí a necessidade do professor, ter bem definido os objetivos do seu trabalho para não transformar as atividades de

laboratórios e oficinas escolares em rotineiras mecânicas e repetitivas que acabam por provocar a limitação do conteúdo e deixam de atender aos interesses dos alunos e objetivos pedagógicos e sociais aos quais serve ou deseja servir.

OBJETIVOS DA DEMONSTRAÇÃO

Segundo VEIGA (1991:139) os objetivos da demonstração são:

- propiciar a articulação da prática com o conhecimento teórico;
- aprofundar e consolidar conhecimentos;
- confirmar explicações orais e escritas, tornando-as mais reais e concretas;
- ilustrar o que foi exposto, discutido ou lido;
- estimular a criticidade e a criatividade;
- aplicar técnicas de trabalho ou executar determinada tarefa ou operação com o auxílio de ferramentas, instrumentos, máquinas ou aparelhos diversos;
- desenvolver habilidades psicomotoras necessárias às situações de vida profissional;
- propor alternativas para resolver problemas.

ETAPAS DA DEMONSTRAÇÃO

Ainda segundo VEIGA (1991), a demonstração compreende três etapas interligadas, que não se tratam de normas rígidas e definitivas. São elas:

1 - **PREPARAÇÃO:** envolve algumas atividades como definição dos objetivos; organização do conteúdo e respectivos passos do processo a ser demonstrado; previsão das atividades dos alunos, sua disposição e participação, seleção, agrupamento e disposição na ordem de utilização dos diferentes tipos de materiais.

Uma vez selecionados e reunidos, os materiais devem ser dispostos nos locais apropriados. No caso de utilização de máquinas é conveniente verificar se estão em condições de uso.

Cabe ao professor a seleção dos materiais escritos (livros, artigos, textos) e a elaboração de outros, tais como: folha de instrução ou de atividades, roteiro de Estudo Dirigido, orientação para Estudo de Texto etc.

O professor poderá fazer uso de exposição oral, quando não houver possibilidade de contar com o material escrito e audiovisuais, para que os alunos possam realizar seus estudos previamente.

A demonstração pode ser feita para a turma inteira, para pequenos grupos ou individualmente. O fundamental é que ela seja vista por todos. Para tanto o professor organizará a demonstração de acordo com as características de cada classe. Quando há previsão de horários, a demonstração tem que ser finalizada, não se pode deixar parte da mesma para outra aula.

Para motivar os alunos para a demonstração, o professor pode se utilizar de alguns recursos didáticos tais como: esboços ilustrativos no quadro negro, cartazes, fotografias, mapas, gráficos, televisão, slides, filmes, videocassete e ainda peças e objetos semi-acabados.

Ao aluno compete realizar antecipadamente estudo do assunto da demonstração para ele entrar em contato com o tema. Ele pode estudar materiais

escritos ou assistir a uma aula expositiva do professor em que ele explica o “para que fazer”, “o que fazer” e “o como fazer”.

2 - DEMONSTRAÇÃO PROPRIAMENTE DITA: feitos todos os preparativos, o professor está pronto para realizar a demonstração. É a etapa em que ele vai apresentar a tarefa, atividade ou operação nova ao aluno. Essa etapa compreende dois momentos: a demonstração realizada pelo professor e a execução da tarefa, demonstração feita pelo aluno.

A demonstração propriamente dita exige do professor uma série de incumbências como: explicitar os objetivos da demonstração; apresentar o roteiro da demonstração para que o aluno tenha uma visão global da atividade; explicar os mecanismos básicos da demonstração que vai realizar, salientando os pormenores ou reforçando informações; e insistir na observância das normas de segurança. Em seguida inicia a demonstração em ritmo que permita o acompanhamento dos alunos, ilustrando com os recursos disponíveis, interrogando-os, explicando o que está fazendo, reforçando o que não ficou bastante claro e relacionando-a com o todo, confirmando explicações, tornando-as reais e concretas e estimulando a criticidade e criatividade. É bastante importante que o professor relacione o novo conhecimento com aquilo que o aluno já sabia, estabelecendo relações com outras áreas do conhecimento.

O ideal da demonstração é que os alunos após a demonstração feita pelo professor também a façam de um modo criativo a fim de explorar e inovar, sem

medo do fracasso e da crítica. O professor precisaria neste momento estar acompanhando os alunos a fim de verificar se as mesmas estão sendo feitas corretamente e para verificar, também, a cooperação dos alunos no sentido de conservação do bom estado dos laboratórios e oficinas. Ao professor compete desenvolver nos alunos hábitos que conduzam à segurança, evitando assim riscos no trabalho.

3 - **AVALIAÇÃO:** ela aparece em todos os momentos da demonstração. Não com o sentido de avaliação voltada para a obtenção de produtos previamente determinados por objetivos comportamentais, com a repetição mecanicista da tarefa sem uma relação direta com o processo de ensino-aprendizagem como um todo. Mas sim no sentido de assegurar a qualidade do julgamento, cujas consequências podem representar avanço, retrocesso, ou melhor, uma revisão no emprego da técnica, bem como da demonstração executada tanto pelo professor, como pelo aluno.

Pode-se ainda pedir aos alunos que elaborem um relatório sobre o seu progresso, ou ainda, o professor mesmo elaborar uma ficha-resumo do progresso dos alunos contendo diversos aspectos que foram observados ao longo do processo ensino-aprendizagem por intermédio do uso da técnica da demonstração.

TÉCNICAS CENTRADAS NO ALUNO

A - ESTUDO DIRIGIDO

O estudo dirigido tem seus pressupostos teóricos calcados no movimento escolanovista que surgiu em oposição à Pedagogia Tradicional na década de 20. Tal movimento privilegia a dimensão técnica do processo de ensino, deixando de lado a dimensão política desse processo. Segundo CANDAU (1989) os métodos e técnicos mais difundidos pela Didática renovada são: “centros de interesse, **estudo dirigido**, unidades didáticas, métodos de projetos, as técnicas de fichas didáticas, o contrato de ensino etc.”. (p.16)

Numa perspectiva crítica de educação, segundo VEIGA (1991) “*o Estudo Dirigido é uma técnica de ensino em que os alunos executam em aula, ou fora dela, um trabalho determinado pelo professor, que os orienta e os acompanha, valendo-se de um capítulo do livro, um artigo, um texto didático ou mesmo de um determinado livro. O professor oferece um roteiro de estudo previamente elaborado para que o aluno explore o material escrito de maneira efetiva: lendo, compreendendo, interpretando, analisando, comparando, aplicando, avaliando e reelaborando. O estudo Dirigido, portanto, procura o desenvolvimento do pensamento reflexivo, da análise crítica, em vez da memorização de uma quantidade de informações*” (p.80-1)

OBJETIVOS DO ESTUDO DIRIGIDO

Ainda segundo VEIGA (1991) os objetivos do estudo dirigido são:

- provocar os alunos criticamente à respeito do que a realidade indica, buscando na leitura explicação e compreensão das questões levantadas;
- aprofundar o conteúdo do texto didático para além das informações superficiais e da mera opinião;
- propiciar a leitura polissêmica ("processo de significação, lugar de sentidos") (ORLANDI, 1983, p.80): conexão entre o texto didático e seu contexto, vinculando também ao contexto do autor e do leitor;
- desenvolver no aluno a reflexão, a criticidade e a criatividade;
- oferecer ao aluno a apropriação de ferramentas de caráter histórico, matemático, científico, literário, artístico, tecnológico etc.

Selecionado o material escrito, o professor passa à **etapa da elaboração do roteiro propriamente dito**. Neste roteiro, ele especifica as orientações gerais e flexíveis para que os alunos possam realizar as tarefas propostas. O roteiro deve compreender um momento individualizado e um socializado.

No **momento individualizado** o aluno faz uma leitura global e atenta do material escrito, quando são solicitadas ao aluno atividades que propiciam a apreensão do texto:

- sublinhar as idéias mais importantes ou extrair as idéias centrais do texto;
- destacar as partes que compõem o texto, dando-lhes títulos;
- esquematizar o texto, assinalar com chaves, setas para facilitar a articulação das idéias;
- registrar notas e observações;
- procurar no texto os conceitos, as características necessárias à compreensão;
- procurar no dicionário as palavras desconhecidas;

- formular conceitos;
- ilustrar graficamente aspectos importantes do tema estudado.

As atividades propostas devem ainda exigir dos alunos o raciocínio e a análise crítica na esperança de que eles possam ir além da mera repetição e reprodução do texto.

No **momento socializado** procura-se tirar partido da interação entre os alunos, unidos pela busca de um objetivo comum, por meio de atividades que aprofundem as discussões (debate sobre o tema escolhido). As tarefas a serem propostas para o trabalho socializado devem girar em torno da **retomada da tese central** contida no texto de forma questionadora e crítica. Deve haver espaço para o **conflito** intelectual e para a busca de soluções. Este momento pode culminar com uma **síntese**, ou seja o estabelecimento das relações existentes entre as idéias centrais e as idéias secundárias. O registro da síntese poderá ser feito pelos diferentes grupos para que seja discutido no grande grupo e posteriormente a síntese final deverá ser registrada no quadro-negro ou em cartaz ou ainda em um relatório, tendo em vista que *“o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever” (...)* *“Não basta ler a realidade. É preciso escrevê-la”* (GADOTTI, 1979:17)

B - O ESTUDO DE TEXTO

12

Estudar um texto, segundo AZAMBUJA e SOUZA in VEIGA (1991) é *“trabalhar nele de modo analítico e crítico, desvendando-lhe sua estrutura, percebendo os recursos utilizados pelo autor para a transmissão da mensagem, descobrindo o objetivo do autor, antevendo hipóteses, testando-as, confirmando-as ou refeitando-as”*. (p.49)

Para que o estudo de texto alcance seu objetivo, as educadoras sugerem além do desenvolvimento das habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento, inferência etc., a necessidade de uma etapa final, em que os alunos exteriorizem pela produção própria, uma reelaboração dos conhecimentos ou entendimentos adquiridos com a leitura do texto.

A importância do estudo de texto é o fato do aluno ter que se envolver com tal estudo e por intermédio de etapas bem definidas desenvolver a *“capacidade de interpretação”* (COLLETO, 1982) quer com a assistência mais direta do professor, quer com instruções que o orientarão a caminhar sozinho entre os meandros do texto.

AZAMBUJA e SOARES sugerem alguns pontos de reflexão e algumas etapas que poderão ser seguidas, reformuladas ou não de acordo com os objetivos, o interesse dos alunos, o tipo de clientela etc.

PONTOS DE REFLEXÃO

Entendendo-se que a leitura em Estudo de Texto vem sendo feita de uma maneira superficial que leva o aluno à uma atitude passiva, desinteressada e realizada apenas como uma obrigação à ser cumprida (sujeito-paciente) é que se percebe a necessidade do Estudo de Texto, bascar-se na concepção de leitura como sendo um ato dinâmico, ativo e produtivo. Assim, o ato de ler ao invés de ser uma

mera decodificação de uma mensagem deve ser entendido como uma atividade interativa entre leitor-autor-texto-contexto. Ou seja, a leitura não deve ser um processo mecânico”, mas deve levar o leitor a questionar, a confrontar, a levantar-testar-hipóteses, a buscar significados e descobrir que o texto pode oferecer “múltiplos sentidos” (ORLANDI, 1984: 51)

Para se fazer um bom Estudo de Texto é preciso que o leitor utilize-se de dois processos de leitura: ascendente (a partir das unidades menores para se chegar ao significado global - KLEIMAN, 1989) e descendente (parte-se das partes maiores para as menores) de tal modo que um complemente o outro. Para tornarmos mais claras e concretas essas reflexões, explicitaremos o fazer pedagógico dividindo o Estudo de Texto em etapas:

PREDISPOSIÇÃO PARA A LEITURA; LEITURA DO TEXTO; ESTUDO DE TEXTO PRO-
PRIAMENTE DITO; O ESTUDO DO TEXTO COMO GERADOR DE OUTRO
TEXTO

A - CONVERSACÃO DIDÁTICA OU AULA DIALOGADA

Como considera LOPES in VEIGA (1991) *“a folha na interpretação tradicional da aula expositiva parece estar na ausência de vinculação da técnica com o contexto social. Os autores que tratam essa técnica de forma tradicional não consideram a prática educativa como prática social e, como tal, expressam um reducionismo ao contexto pedagógico intramuros da instituição de ensino”*. (p.42)

LOPES, assumindo uma concepção pedagógica crítica como fundamento, sugere a transformação da aula expositiva tradicional numa técnica capaz de desenvolver o pensamento crítico do aluno, atributo este essencial numa educação transformadora - a **aula expositiva dialógica**. Essa forma de aula expositiva utiliza o diálogo entre professor e aluno visando estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiências.

Para FREIRE e SHOR (1986) o ensino dialógico se contrapõe ao ensino autoritário, transformando a sala de aula em ambiente propício à reelaboração e produção de conhecimentos.

O professor toma como ponto de partida a experiência dos alunos relacionada com o assunto em questão. Os conhecimentos apresentados pelo professor são questionados e redescobertos pelos alunos à partir do confronto com a realidade conhecida. Assim o professor caminha com os alunos dentro de uma compreensão crítica e ao mesmo tempo científica (mudança conceitual).

Para desencadeamento do processo dialógico entre professor e aluno, um dos elementos a ser utilizado é a **problematização**: questionar determinadas situações, fatos, fenômenos e idéias, a partir de alternativas que levem à compreensão do problema em si e dos caminhos para sua solução.

Diferentemente do que ocorre na relação pedagógica tradicional, com a problematização, o conteúdo pode ser contestado e redescoberto pelos alunos.

Como afirma FREIRE e SHOR (1986) a problematização na aula expositiva elimina a passividade, a simples memorização por parte dos alunos e o verbalismo por parte do professor presente na aula expositiva tradicional.

Outro elemento dinamizador da aula expositiva dialógica é a **pergunta**. Segundo FREIRE e FAGUNDEZ (1985) *“a produção e reelaboração de conhecimentos começa a partir de uma indagação”*.

Em geral na aula expositiva tradicional o professor apresenta respostas sem que o aluno tenha lhe perguntado algo. Isso ocorre porque o autoritarismo da Pedagogia Tradicional dá ao professor a diretividade do processo de ensino, resultando em bloqueio das experiências dos alunos e inibindo, quando não reprime, a capacidade de questionar os conhecimentos aprendidos.

A aula expositiva dialógica proporciona uma troca de conhecimentos onde o professor e o aluno reaprendem por intermédio da descoberta coletiva de novas interpretações do saber sistematizado.

Para FREIRE e FAUNDEZ (1985) somente à partir da pergunta é que se deve buscar a resposta e não o contrário. Estabelecer respostas não provoca curiosidade nem produção do conhecimento, mas somente reprodução.

O professor da Pedagogia Tradicional vê a pergunta como um desrespeito à sua autoridade na sala de aula, enquanto que o professor da Pedagogia Crítica a vê como um elemento capaz de incentivar a curiosidade do aluno e desenvolver-lhe uma atitude científica. Para esse professor crítico todas as perguntas de seus alunos tem sentido. Jamais desconsidera uma pergunta do seu aluno e ao

perceber uma pergunta mal formulada, auxilia o aluno a refazer a mesma. O fundamental é que o aluno aprenda a perguntar.

Na relação professor-aluno, o caráter de dialogicidade presente na aula expositiva dialógica não significa que a diretividade do professor será eliminada da aula. Diferente da aula expositiva na Pedagogia Tradicional em que o professor se coloca como uma autoridade que transfere conhecimentos aos alunos, na aula expositiva dialógica o professor também entra com o saber, mas ao mesmo tempo participa de um processo de reaprender. Ou seja, embora o professor permaneça como o sujeito que domina o conhecimento, ele dá ao conteúdo um caráter democrático.

LOPES ainda sugere que ao final da aula expositiva dialógica se faça um resumo do assunto em questão com a participação dos alunos em sua organização, exercitando assim o pensamento criador dos mesmos.

Em síntese, a aula expositiva dialógica se opõe a uma aula expositiva tradicional porque por intermédio do diálogo os alunos são estimulados a compartilhar da reelaboração dos conhecimentos e incentivados a produzir novos conhecimentos a partir dos conteúdos aprendidos.

B - TRABALHO EM GRUPO

Consiste em distribuir temas de estudo iguais ou diferentes a grupos fixos ou variáveis, compostos de 3 a 5 alunos. Essa técnica deve ser empregada eventualmente, conjugada com outras técnicas (exposição oral, demonstração,

exemplificação, estudo dirigido). Dificilmente será bem sucedida se não tiver uma ligação orgânica entre a fase de preparação e organização dos conteúdos e a comunicação dos seus resultados para a classe toda. A sua finalidade central é obter a cooperação dos alunos entre si na realização de uma tarefa. Para que cada membro do grupo possa contribuir é necessário que estejam familiarizados com o tema de estudo. Por isso exige-se que a atividade grupal seja precedida de uma exposição, conversação introdutória ou trabalho individual.

Os grupos de 3 a 5 alunos poderão ser indicados pelo professor, usando o critério de misturar alunos de diferente rendimento escolar. Cada grupo terá um coordenador que também poderá ser indicado pelo professor, mas tendo o cuidado para que todos do grupo exerçam essa atribuição a cada vez que se estuda em grupo. A sala de aula deve ser arranjada antes do início da aula evitando bagunça e perda de tempo. Colocadas as questões e organizados os meios de trabalho (folhas de exercícios, mapas, ilustrações etc) os alunos desenvolvem a tarefa. Uma vez concluída, um aluno do grupo informa a classe dos resultados e passa-se a uma conversação dirigida pelo professor.

C- DISCUSSÃO E DEBATE

Segundo CASTANHO (1991) existe uma tendência a se acreditar que a aula expositiva está ligada ao ensino tradicional enquanto que as demais técnicas que exigem atividades do aluno são decorrentes dos métodos propostos pelo movimento escolanovista. No entanto, já no século VI, na Grécia Antiga, com os

sofistas aparece como base de seu método o discurso e a discussão, ao que Sócrates acrescenta o diálogo e as perguntas (DEBESSE, 1974:25).

No século XIII São Tomás de Aquino institui as discussões públicas ou *disputationes*, que ele transformou em entrevistas coletivas em que ele devia responder a todas as perguntas feitas sobre qualquer assunto.

SNYDERS (1974:31) considera ser falso o diálogo socrático porque é Sócrates quem fala sem se interromper, enquanto o outro se deixa conduzir.

No contexto dos anos 90, rumo ao século XXI, como poderão ser usados a discussão e o debate no fazer pedagógico do professor?

DISCUSSÃO

Etimologicamente discussão vem do latim *discutere*, que vem de *dis* + *quater*, significando sacudir, abalar, incomodar (Dicionário etimológico Nova Fronteira). Segundo CASTANHO (1991) in VEIGA (1991) seu papel no ensino é exatamente esse: *“dado um ponto de vista (uma teoria, um resultado de investigação, uma exposição qualquer) submetê-lo à um esmiuçamento tal que sejam analisadas todas as implicações ali contidas”*. (p.93). É uma análise de um ponto de vista.

Leva os alunos a não aceitarem passivamente uma posição antes de uma análise mais profunda. Cabe em qualquer área do conhecimento e comporta níveis de complexidade cada vez maiores dependendo do conhecimento teórico do orientador e das características do grupo.

Pode ser usada durante ou após uma aula expositiva, após um filme, uma sessão de slides, como preparação para um projeto a ser realizado. Caracteriza-se por ser uma forma de cooperação intelectual.

O DEBATE

Etimologicamente a palavra debate é do francês *débattre* que vem do latim *debatuere*, significando disputar, alterar, brigar.

No ensino, o seu papel é o de ser recurso para que se confrontem diferentes pontos de vista. É competição intelectual, disputa.

Deve ser utilizado quando os alunos já estão munidos de informações resultantes de estudos bibliográficos e de campo e de experiências as mais variadas. As diferentes posições, teorias e pontos de vista enriquecem o trabalho intelectual.

Pode ser usado em várias situações inclusive como decorrência de uma **discussão** onde surgiram novos pontos de vista.

O professor deve incentivar o aluno a falar com suas próprias palavras para saber a que o aluno realmente incorporou à sua estrutura cognitiva. Deve ainda graduar as dificuldades, entusiasmar os alunos pelo trabalho a ser feito, fazer elogios sinceros, desenvolvendo sentimentos de êxito, auto-realização e auto-afirmação. Fazer o aluno usar a imaginação, levá-lo a fazer comparações e estabelecer diferenças. Ou seja, o professor e aluno devem viver cada aula como uma hipótese a ser testada. No debate entre professor e aluno cada um está exposto ao outro e ninguém pode dizer como terminará a aventura (GUSDORF, 1987:143).

D - SEMINÁRIO

2

Etimologicamente o nome desta técnica vem da palavra latina SEMINARIU, que significa viveiro de plantas onde se fazem as sementeiras. Sementeira indica a idéia de proliferação daquilo que se semeia, local onde se coloca a semente. Isso significa que o Seminário deve ser a ocasião de semear idéias ou de favorecer sua germinação (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda).

No sentido amplo, Seminário significa um congresso científico, cultural ou tecnológico, isto é, um grupo relativamente numeroso de pessoas (educadores, especialistas, técnicos e alunos), com o propósito de estudar um tema ou questões de uma área sob a coordenação de uma convenção de educadores especialistas ou autoridades no assunto.

No sentido restrito, o Seminário visto como técnica de ensino é o grupo de estudos em que se discute e se debate um ou mais temas apresentados por um ou vários alunos, sob a direção do professor responsável pela disciplina ou curso.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO SEMINÁRIO

A primeira característica essencial do Seminário é *a oportunidade que este cria para os alunos se desenvolverem no que diz respeito à investigação, à crítica e à independência intelectual.*

O conhecimento a ser assimilado, reelaborado e até mesmo produzido não é “transmitido pelo professor”, mas é investigado e estudado pelo próprio aluno, pois este é visto como sujeito de seu processo de aprender. VEIGA (1991) considera tal situação como um ato de conhecimento e não uma mera técnica para a transmissão do mesmo.

A segunda característica do Seminário é que *a participação do professor não é mais predominante*. O professor é o que orienta, conduz e dirige o processo de ensino (coordenador do seminário). O sucesso do Seminário está ligado ao papel que o professor desempenha na sua realização e à responsabilidade dos alunos em assumirem seu encargo.

OBJETIVOS DO SEMINÁRIO

O Seminário tem por objetivos:

- investigar um problema, um ou mais temas sob diferentes perspectivas, tendo em vista alcançar profundidade de compreensão;
- analisar criticamente fenômenos observados, ou as idéias do(s) autor(es) estudado(s);
- propor alternativas para resolver as questões levantadas;
- trabalhar em sala de aula de forma cooperativa;
- instaurar o diálogo crítico sobre um ou mais temas, tentando desvendá-los, ver as razões pelas quais eles são como são, o contexto político e histórico em que se inserem.

O emprego do Seminário como técnica de ensino, segundo VEIGA (1991:110), implica três etapas:

a) **Preparação:** envolve encargos tanto para o professor quanto para o aluno.

Ao professor cabem as seguintes providências:

- explicitar os objetivos claramente;
- sugerir ^{temas} adequados aos alunos, justificando a importância dos mesmos;
- ajudar os alunos a selecionar subtemas;
- recomendar bibliografia (mínima e complementar) a ser estudada por todos os participantes do seminário;
- orientar os alunos na busca e localização de fontes de consulta: livros, relatórios de pesquisa, textos, autores, pessoas, instituições e bibliotecas;
- dar orientações escritas sobre pontos essenciais do tema, sugerir categorias de análise, formular questões para serem analisadas e discutidas;
- preparar o calendário prevendo o tempo necessário à efetivação da(s) leitura(s) indicada(s) e para a apresentação dos trabalhos pelos alunos;
- prever o arranjo físico da sala de aula que favoreça o debate, a discussão, enfim, o diálogo.

Ao aluno compete:

- escolher o tema ou subtema;

- obter as informações, dados, idéias, por intermédio de pesquisas, experimentações, levantamentos, leitura, entrevistas, que os capacitem a participar ativamente do seminário;

- ler a bibliografia sugerida e estudar previamente o tema escolhido com profundidade, individualmente ou em grupo, quando o seminário está sob a responsabilidade de uma equipe de alunos;

- escolher os relatores e comentaristas;

- providenciar os materiais e recursos de ensino necessários à realização do seminário.

b) Apresentação do tema e discussão dos mesmos por meio das técnicas da exposição oral, do debate e da discussão. Nessa etapa o papel do professor é o de direcionar o processo no qual os alunos estão juntos. Ao dirigir o Seminário o professor deve ser exigente e não permissivo, deve se utilizar da indagação: exigindo que os alunos pensem sobre as questões levantadas, questionando suas afirmações, sintetizando as idéias principais, estabelecendo relações com outras áreas do conhecimento, exemplificando, utilizando resultados de pesquisa, estimulando-os às conclusões finais, para finalmente consolidá-las.

Nessa etapa, os participantes do Seminário não devem se colocar na posição de ouvintes, devem contribuir com suas opiniões.

As atividades básicas dos alunos responsáveis pelo Seminário como dos demais participantes, são as seguintes:

- apresentação do trabalho por escrito (relatório ou síntese), com cópias para cada participante do seminário;
- exposição do tema com objetividade;
- formulação de questões críticas - escrevendo sobre elas, discutindo-as seriamente;
- solicitação de esclarecimentos para sanar dúvidas, definir posturas, argumentar e contra-argumentar, buscar respostas às questões levantadas, estabelecer confrontos, encaminhar conclusões, registrando-as.

c) **Apreciação final** sobre o trabalho realizado com a participação de todos: responsáveis pelo Seminário, demais participantes e professor, que tece comentários gerais, sugerindo novos estudos à respeito do tema quando for o caso.

É aconselhável que o trabalho escrito ou síntese sejam revistos à partir das discussões desencadeadas durante o Seminário.

A apreciação do Seminário pode ter efeito de atribuição de nota ou menção.

O Seminário é de grande valia quando se pretende apresentar um tema novo ou aprofundar um assunto mais polêmico. Trata-se de uma técnica mais adequada às classes de ensino médio e aos alunos da graduação ou pós-graduação. É

uma técnica que estimula a produção do conhecimento e o sucesso de sua utilização vai depender do professor e do aluno que a utilizar corretamente.

E - ESTUDO DO MEIO

O Estudo do Meio é reconhecidamente, “um verdadeiro patrimônio da Escola Nova” (BALZAN, 1969:99) in FELTRAN e FELTRAN FILHO in VEIGA (1991)

“Desde que se pretende de fato desenvolver plenamente a personalidade do educando, o Estudo do Meio passará a se constituir como uma atividade de excepcional importância na vida da escola”. (BALZAN, 1969:100)

Segundo FELTRAN e FELTRAN FILHO in VEIGA (1991), o Estudo do Meio no trabalho pedagógico do professor pode garantir o combate à evasão e assumir realmente o aluno representante dos grupos sócio-culturais existentes no território brasileiro. Isso porque:

1 - O Estudo do Meio, ao mesmo tempo em que veicula uma determinada concepção sobre a relação Homem/Sociedade, organiza-se com a finalidade de explicitar essa relação.

No contexto de uma pedagogia crítica, o Estudo do Meio baseia-se na possibilidade que se abre de estudo conjunto de uma determinada problemática, por disciplinas várias. A interdisciplinaridade exige muito mais que o simples planejamento de uma sequência de atividades para o Estudo do Meio; exige um esforço de afinidade teórica/didática/metodológica para o enfrentamento de

problemas reais gerados na própria relação do homem com e na sociedade com vistas a fim educacionais coerentes.

2 - O Estudo do meio é uma técnica de ensino que se realiza por meio da pesquisa. Realizar Estudo do Meio é fazer pesquisa, é utilizar instrumentos metodológicos diversos, registrar e interpretar a realidade propondo alternativas para as situações analisadas. O meio é a própria realidade, é o mundo onde se vive e onde a escola existe, é a sociedade que se quer transformar.

Segundo LIBÂNEO (1992), o Estudo do Meio é denominado de atividade especial, aquela que complementa os métodos de ensino e que concorre para a assimilação ativa dos conteúdos.

Para o educador, o Estudo do Meio, mais do que uma técnica didática é um componente do processo de ensino pelo qual a matéria de ensino (fatos, acontecimentos, problemas, idéias) é estudado no seu relacionamento com fatos sociais a ela conexos.

O Estudo do Meio não se restringe a visitas, passeios ou excursões, mas se refere a todos os procedimentos que possibilitam o levantamento, a discussão e a compreensão de problemas concretos do cotidiano do aluno, da sua família, do seu trabalho, da sua cidade, região ou país. Sendo possível, em função das condições da escola, será enriquecido com visitas a locais determinados (órgãos públicos, museus, fábricas, universidades, fazendas etc.).

Segundo BALZAN (in CASTRO, 1976) in LIBÂNEO (1992:171) o Estudo do Meio é um instrumento metodológico que leva o aluno a tomar contato

com o complexo vivo, com o próprio meio físico e social. É uma atividade não apenas física, mas mental, de elaboração, que apela para conhecimentos e habilidades já adquiridos e os enriquece, de modo que o aluno retorna à escola modificado, mais rico em conhecimentos e experiências.

BALZAN sugere algumas fases para realizar um Estudo do Meio.

São elas:

1 - **PLANEJAMENTO:** na sala de aula, junto com os alunos, o professor fará um levantamento prévio dos fatos sociais que envolvem o tema de estudo. Estuda-se o conteúdo e à partir daí são feitas questões para orientar os aspectos a serem observados e perguntas a serem feitas a pessoas do local a ser visitado. O professor ou professores, se a tarefa envolver várias matérias devem visitar o local antes e colher as informações necessárias. Deve também providenciar o meio de locomoção, autorizações, hospedagem, bem como normas de procedimentos dos alunos durante a visita.

2 - **EXECUÇÃO:** no local, com a orientação do professor, os alunos vão observando e tomando notas. Se é uma indústria, observam o que “produz, o funcionamento das máquinas, as tarefas dos trabalhadores, conversam com as pessoas, perguntam o que fazem, como fazem, quanto ganham, quais as dificuldades do seu trabalho; identificam o que se produz, como se produz, para onde vão os produtos, quem os consome. O tipo de atividade depende dos objetivos do Estudo do Meio em relação à tarefa.

3 - EXPLORAÇÃO DOS RESULTADOS E AVALIAÇÃO: os alunos farão um relatório da visita, contando o que aconteceu, o que viram, o que aprenderam e que conclusões tiveram. Pode-se pedir ao invés do relatório, a redação de um tema ou a discussão de problemas encontrados. O professor aproveita para discutir com a classe os resultados da visita, tirar conclusões e sistematizar os conteúdos aprofundando mais a assimilação de conceitos.

Os resultados servirão para elaboração de provas escritas; para avaliar os objetivos do professor: houve enriquecimento cultural? Os alunos modificaram às suas percepções anteriores? A tarefa foi bem organizada? Os alunos tiveram uma atitude adequada no decorrer da visita? O Estudo do Meio serviu para formar convicções em relação a problemas constatados?

F - PHILIPS 66

Seis grupos de 6 alunos discutem uma questão em poucos minutos para apresentar depois as suas conclusões.

G - TEMPESTADE MENTAL

Dado um tema, os alunos dizem o que lhes vem à cabeça, sem censura. Estas são anotadas no quadro-negro. Em seguida faz-se a seleção do que é relevante para a aula.

II- G.V. (grupo de verbalização) e G.O. (grupo de observação)

Uma parte da classe forma um círculo (G.V.) para discutir um tema, enquanto os demais formam um círculo em volta para observar (G.O.). O G.O. deve observar, por exemplo, se os conceitos empregados na discussão são corretos, se existe uma ponte entre a velha e a nova matéria, se todos estão participando. Depois troca-se os grupos na mesma ou em outra aula.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

① DALZAN, N.C. "TEM A AULA ALGUMA VALIDADE?". IN:
DIDATA . nº 7. 1977

FREIRE, P. e FAUNDEZ, A. POR UMA PEDAGOGIA DA PERGUNTA. 2ª ed.
RIO DE JANEIRO: PAZ E TERMA, 1985.

FREIRE, P. e SHOR, J. MEDO E OUSADIA: O RITUAL DO PROFESSOR.
RIO DE JANEIRO: PAZ E TERMA, 1986

RONCA, A.C.C. e ESCOBAR, J.F. TÉCNICAS PEDAGÓGICAS: DOMESTICAÇÃO
OU DESAFIO À PARTICIPAÇÃO? 3ª ed. PETROPOLIS, R.J: VOZES, 1984. 112p.

REIGA, I. F. de A. ^{1ª ed.} TÉCNICAS DE ENSINO: POR QUE NÃO? ^{4ª ed.} CAMPINAS, S.P:
PAPIRUS, 1991. 149 p.

① CANDAU, J. M. (ORG.) A DIDÁTICA EM QUESTÃO. PETROPOLIS, R.J: VOZES, 1983.
— RUMO A UMA NOVA DIDÁTICA. 2ª ed. PETROPOLIS, R.J: VOZES, 1988